



21 a 24 de setembro de 2016

ISSN: 2358-1786

DO MERCADO DE TRABALHO AO RETORNO PARA O LAR

Gustavo Moraes*
Olinda Barcellos**

“É pelo trabalho que a mulher vem diminuindo a distância que a separava do homem, somente o trabalho poderá garantir-lhe uma independência concreta”.

Simone de Beauvoir (Escritora, filósofa)

Resumo: Este artigo analisa a relação da saída da mulher do mercado de trabalho formal com a vinda dos filhos, e a permanência dentro do ambiente doméstico, constatando-se que com a chegada dos filhos é fator decisivo para seu afastamento do mercado de trabalho formal devido à falta de políticas públicas de incentivo a mulher mãe no mercado de trabalho. Verificando-se as suas relações familiares em relação a o orçamento familiar, analisando as dificuldades de cada entrevistada, e suas novas formas de prover sua renda para o seu sustento.

Palavras-chave: Trabalho Feminino. Retorno para o lar. Filhos.

Labour Market to Return to Home

Abstract: This study aims to investigate the relationship of the formal labor market woman out with the coming of the children, and permanence within the domestic environment, checking their family relationships in relation to the family budget, analyzing the difficulties of each interviewee, and new forms to provide their income for their livelihood.

Keywords: Working Women. Returning home. Children.

Considerações iniciais

Antigamente se pensava que lugar de mulher era dentro de casa vivendo em função de si mesma, do marido e seus filhos. Mas com o passar dos anos muita coisa mudou, a mulher ganhou espaço onde a mão de obra no mercado de trabalho masculina sempre foi

* Acadêmico do 8º semestre do Curso de Administração da Faculdade Palotina – FAPAS. E-mail: gsmc.cx@hotmail.com

** Professora Doutora da Faculdade Palotina – FAPAS. E-mail: barcellos.olinda@gmail.com

predominante, se tornaram executivas de sucesso, mas muitas enfrentam um grande dilema, principalmente nas classes de renda mais baixas, que é o de que a mulher acaba abandonando seu trabalho para cuidar de sua família. Situação decorrente principalmente nas classes mais vulneráveis da nossa sociedade, onde a escolaridade dessas mulheres é baixa, escolaridade que falta para que almejem melhores salários. Muitas mulheres acabam por necessidade se tornando empreendedoras para poderem conciliar suas atividades do lar com os seus próprios negócios. Um exemplo disso pode-se citar cabeleireiras, manicures, vendedoras autônomas dentre outras.

A simples figura da mulher dona de casa voltada simplesmente ao trabalho doméstico deu lugar a um novo padrão de mulher. Cada uma com suas convicções e suas motivações que as levam a permanecer no mercado de trabalho principalmente no que se refere à educação, tendo como base o nível de instrução é possível antecipar problemas associados às diferenças de idade, pois muitas mulheres de baixa renda acabam evadindo das escolas muito cedo, e acabam entrando no mercado de trabalho muito cedo, maior parte antes dos dezoito anos.

A entrada de mulheres no mercado de trabalho precocemente aliada à baixa escolaridade e baixa qualidade dos postos de trabalho, não lhes fornece oportunidades de aprendizagem, com pouco estudo e pouca qualificação profissional, seus salários são baixos, e isto dificulta que as mulheres possam permanecer no mercado de trabalho, pois as despesas para manter os filhos em escolas infantis particulares são muito altas, e as escolas infantis públicas são insuficientes para atender a demanda da sociedade (IBOPE, 2006).

Há algumas décadas multiplicam-se estudos sobre a temática mulher e mercado de trabalho; os pesquisadores vêm desenvolvendo estudos da inserção da mulher no mercado de trabalho, no entanto, há poucos estudos sobre os motivos das mulheres têm se afastado do mercado de trabalho formal, ou seja, trabalho com vínculo empregatício, e algumas acabaram se tornando empreendedoras dentro do próprio ambiente do lar. Tendo em vista o panorama exposto acima, este estudo tem como problema de pesquisa responder a seguinte pergunta: O que leva as mulheres trabalhadoras a voltarem a seus lares e a permanecerem como gestoras do lar?

O objetivo geral do estudo é avaliar o que leva as trabalhadoras do sexo feminino a se dedicarem as atividades de gestão do lar e a não trabalharem no mercado formal. E em um segundo momento analisar as formas que estas mulheres fazem para prover uma renda para a sua família tendo em vista que muitas são chefes do lar. O objeto do estudo são as mulheres com filhos, que já trabalharam no mercado de trabalho formal da cidade de Santa Maria.

Os objetivos específicos do estudo são: (1) Identificar mulheres atualmente administradoras do lar que trabalhavam fora anteriormente; (2) Analisar como estas mulheres fazem para prover alguma renda para as suas famílias (3) verificar o perfil socioeconômico. Tendo como possível hipótese de resultados, que as mulheres tem se afastado do mercado seja devido à gravidez não planejada, a vinda dos filhos e sua permanência no ambiente do lar seja devido à falta de estrutura pública de ensino infantil.

Este estudo é relevante no sentido que poderá servir para melhor compreender as atitudes das mulheres no mercado de trabalho referente ao abandono do trabalho com carteira assinada. Para poder definir o perfil socioeconômico das mulheres que tem abandonado o mercado de trabalho e quais as suas principais razões. Procurando levantar possibilidades de melhoria em programas municipais para poder promover a permanência das mulheres mães no mercado de trabalho formal. Além disso, poderá servir de base para investigações futuras acerca do trabalho feminino e seu contexto de mercado.

1 Inserção da mulher ao mercado de trabalho

Na segunda guerra mundial as mulheres dos soldados que eram convocados para a guerra, tinham que se sustentar enquanto os mesmos estivessem na guerra. Seria um período longo e não se sabia se voltariam para suas casas. As mulheres ao se depararem com tal situação de desamparo, se obrigavam a trabalhar para se sustentarem e sustentarem seus filhos. Para conseguirem emprego tinham que se submeter a trabalhar por salários muito baixos, realizava o mesmo trabalho que os homens, e ao mesmo tempo não eram bem vistas pela sociedade (LOPES; ALVES, 2010).

Mas com o passar dos anos as coisas foram mudando e aconteceram transformações. No Brasil, com a Constituição Federal de 1988 (CF/88) e a Consolidação das Leis Trabalhistas, onde consta que as mulheres não devem sofrer qualquer tipo de discriminação, adquiriram o direito da licença- maternidade e podem ser contratadas, independentemente de cor, idade, e estado civil (CF, 1988).

Embora ainda existam no mundo muitas diferenças sociais, as mulheres estão cada vez mais estudando e se qualificando para serem bem vistas pela sociedade e alcançar um padrão de vida agradável e confortável para sua família. Apesar de a mulher estar inserida no mercado de trabalho nos dias de hoje, não deixou de cuidar do lar, mesmo sendo casada ou solteira e com família para sustentar, desenvolvendo vários papéis ao mesmo tempo. Adquiriram seu espaço no mercado de trabalho.

Segundo a pesquisa Mães Contemporâneas do Ibope (2006), a grande maioria das mulheres brasileiras que têm filhos e trabalham fora de casa gostaria muito de largar o trabalho e se dedicar aos filhos. Com isso, foram os Estados Unidos que mais influenciaram nas relações de trabalho no mundo, onde há alguns anos, o número de mulheres que trabalhavam fora aumentava. Hoje a quantidade de mulheres que deixam seus empregos para ficar em casa cuidando dos filhos é muito maior.

No Brasil, o início das mulheres no mercado de trabalho modificou radicalmente a economia do país. Com a crise dos anos 80, a necessidade fez com que as mulheres se sentissem na obrigação de trabalhar fora, e gerar renda para ajudar no sustento da família. Mesmo se sentindo obrigadas, começaram a gostar do trabalho, além de conseguirem seu próprio salário, a cultura já estava mudando. Elas resolveram enxergar o mercado de trabalho como uma realização profissional, um direito adquirido. Com essa evolução toda, passaram a repensar no conceito de família (IBOPE, 2006).

Nas décadas de 80 e 90, onde o individualismo e a competição profissional se faziam presentes, não havia problema algum em deixar de lado a vida pessoal em busca do sucesso profissional. Como o mercado é muito competitivo, se trabalha muito, por várias horas, a consequência disto é o alto nível de estresse. Mesmo não estando plenamente satisfeitas com a evolução que tiveram, as mulheres começaram a se perguntar se valia mesmo a pena à conquista pelo seu espaço no mercado de trabalho, pois pagam até hoje um preço alto por deixar seus filhos com terceiros. Somente existe qualidade quando há quantidade de tempo disponibilizado para o acompanhamento dos filhos e da família. (MASSON; MENDONÇA; AZEVEDO, 2014).

Há quem não se importe com isso, mas a maioria está repensando sobre este conceito, pois os filhos hoje estão cheios de problemas, não tem limites, porque não aprenderam ter limites, seus pais estão sempre muito ocupados e não conseguem dar atenção que os filhos merecem, é triste saber que as mães ou até mesmo os pais não conseguem levar o filho na escola, muitas vezes chegam às suas casas e os filhos já estão dormindo e quando saem de manhã para o trabalho é tão cedo que eles ainda nem acordaram. Há pouco tempo deixar de lado a carreira profissional para se dedicar a família era uma coisa absurda depois de todas as conquistas realizadas, como esta mulher iria abandonar o que levou tempo para conquistar e voltar a se dedicar integralmente ao lar. Seria vista como derrotada e incapaz de continuar provando que é um profissional, esperava-se da mulher que fosse bem sucedida e ainda se desdobrasse em várias, cuidando dos filhos da casa e da família. Mas o que estamos vendo é

que as pessoas em geral estão mais exigentes, e estão buscando novos valores. (MASSON; MENDONÇA; AZEVEDO, 2014).

No mundo atual, o estresse impera, o mercado de trabalho está muito competitivo e com isso principalmente as mulheres são muito cobradas por resultados, talvez até mais que os homens, nos mais diversos campos, e se a mulher optar por ficar um tempo sem trabalhar fora, quando voltar, não terá o mesmo salário que tinha antes, tendo que recomeçar praticamente do zero, mesmo que não possa existir pré-conceitos, os empregadores não querem contratar mulheres que ficaram paradas por algum tempo e que se dedicam a maternidade, eles entendem que estas mulheres podem precisar largar tudo, se necessário, para atender um filho, deixando o lado profissional em segundo plano, prejudicando o bom andamento do serviço e o negócio como um todo. Mas também temos que ver o outro lado, as oportunidades existem, e são de uma diversidade incrível, proporcionando escolhas em todas as áreas, ajudando a mulher a conciliar trabalho, vida social e familiar. Há quem diga que mesmo a mulher querendo se dedicar somente a vida familiar, ao estar acostumada com a rotina do trabalho fora de casa, diz que é muito mais cansativo cuidar dos filhos e da família, sendo que “68% dessas mulheres declaram ser difícil conciliar a maternidade e o casamento” (IBOPE, 2006, p 11).

Conforme pesquisa apresentada pelo IBOPE (2006, p 08; 09; 12): “Hoje as mulheres representam 50% da população mundial. No Brasil há 76 milhões de mulheres, que representam 52% da população brasileira feminina e cerca 51% das mulheres são mães. A participação da mulher no mercado de trabalho é de 43%.”.

Conforme dados representados acima as mulheres mesmo sendo a maioria no contexto mundial, ainda é minoria na classe trabalhadora, a maioria delas prefere trabalhar fora ao estar em casa a serviço da família, no mercado de trabalho a jornada é de 8 horas, no ambiente familiar a dedicação é totalmente integral, e a maioria das mulheres que trabalham fora ainda enfrentam a dupla jornada de trabalho por trabalhar fora e ainda cuidar da família, ocorrendo uma sobrecarga de trabalho, e muitas vezes levando a um desgaste físico e emocional.

Mas existem ainda outras variáveis apresentadas por Fonseca e Rodrigues (2010), as mulheres após a gravidez possuem um salário 27% menor do que suas colegas sem filhos, mulheres sem filhos ganham quase o mesmo que os homens em posições similares nas grandes empresas dos Estados Unidos.

Na sequência será apresentado os procedimentos metodológicos desenvolvidos a fim de alcançar o objetivo proposto.

2 Procedimentos metodológicos

Este estudo se caracteriza como sendo um estudo exploratório que tem como objetivo, analisar, descrever e correlacionar fatos sem manipulá-los. De acordo com Triviños (1987), os estudos exploratórios permitem ao pesquisador aumentar sua experiência sobre um determinado problema, contribuindo para que outros problemas de pesquisa sejam levantados.

Quanto ao método, esse estudo emprega o método de estudo de campo, onde procede a informações de fatos e fenômenos exatamente como ocorrem no real, à coleta de dados qualitativos, finalmente, à análise e interpretação desses dados, com base em uma fundamentação teórica, objetivando compreender e explicar o problema pesquisa do que o aluno utilizará para obter subsídios, visando definir, com mais clareza, os diversos aspectos.

2.1 Abordagem de coleta de dados

A coleta dos dados foi obtida através de uma entrevista semiestruturada, que objetivou obter dados sobre a história de vida de mulheres da comunidade de Santa Maria – RS, analisando a sua história de vida, seu sentimento frente a não poder trabalhar fora de casa (LAKATOS; MARCONI, 2003).

A entrevista teve um roteiro com os seguintes aspectos: idade, escolaridade, profissão, número de integrantes da família, trabalho, frustrações, renda, planejamento ou não da gravidez e expectativas e planos para o futuro. Os itens não foram seguidos em uma sequência rígida, visando propiciar que as entrevistadas ficassem a vontade para falar sobre os temas com os entrevistadores, porém todos os itens foram abordados com as 10 mulheres que foram entrevistadas. Para a referida amostra foram abordadas diversas mulheres, para que se conseguisse atingir o número proposto, 10 entrevistadas, todas elas deveriam atingir a pré-requisitos tais como, ser mulher, mãe e ter trabalhado no mercado de trabalho formal, ou seja, com vínculo empregatício.

No dia das abordagens os pesquisadores informaram o objetivo do estudo, para que as entrevistadas se interessassem em participar. Foi agendado um horário nas residências das entrevistadas para a realização das entrevistas, as entrevistadas foram informadas que os dados obtidos seriam tratados de maneira sigilosa, e que o objetivo da pesquisa era verificar o que elas estavam vivenciando, e suas expectativas frente ao futuro, buscando com isso uma compreensão dos aspectos que as levaram a sair do mercado de trabalho.

2.2 Abordagem de análise dos dados

De posse das referências, procuramos realizar um estudo qualitativo exploratório de natureza social das dimensões atribuídas à saída da mulher do mercado de trabalho, buscando encontrar subsídios que permitam compreender melhor essa experiência em um enfoque psicossocial, sendo que todas as entrevistas foram transcritas e submetidas a uma análise de conteúdo, pelo fato dessas possibilitar a busca dos significados, a partir dos relatos dos entrevistados. A análise deu-se através da categorização das respostas emitidas pelas entrevistadas, buscando referências a um conceito que abrange elementos ou aspectos com características comuns ou que se relacionam entre si. Nesse sentido, elas significam agrupar elementos, ideias ou expressões em torno de um conceito capaz de abranger tudo isso (MINAYO, 1996). Após os dados terem sido lançados e separados por categorias, foram analisados através do programa EXCEL, com o uso de filtros para facilitar a compreensão dos dados. Os dados coletados serão apresentados na Figura 01.

Figura 01 - O retorno das mulheres trabalhadoras para o lar.

Respondente	Idade	Escolaridade	Profissão	Nº membros da família	Nº filhos	Gravidez planejada	Tempo trabalho formal	Motivo de não trabalhar fora	Frustração por não trabalhar fora	Reação quanto ao orçamento familiar	Voltaria a trabalhar fora/ impecilho	Fonte de renda s/ trabalhar fora	Teria com quem deixar seu(s) filho(s)?	Responsável pelos custos da família	Compatibilidade e escolaridade e sustento da família
1	27	tec. Incompleto	Montadora/soldadora	4	2	não	6	Filhos	Sim	Preocupante	sim, filhos	faxinas	sim	sim	sim
2	22	ens. Médio	auxiliar administrativo	3	1	sim	4	Filhos	Sim	difícil	sim, filhos	entrega de malotes	sim	seria bem difícil	não
3	55	semi- alfabetizado	empregada domestica	3	3	não	25	doença	sim	difícil	sim, falta de escolaridade	faço pães	já são independentes	não	não
4	43	ens. Médio	vigilante	3	1	sim	10	Filhos	não	difícil	não	Da banho e tosa em caes	não	não	não
5	30	ens. Médio	auxiliar administrativo	3	1	não	5	Filhos	Sim	difícil	sim, filhos	vende bijuterias	só em meio turno	não	não
6	26	superior completo	enfermeira	4	2	sim	8	Filhos	Sim	difícil	sim, segunda gravidez	abriu, uma serigrafia com o ma	sim	sim	sim
7	26	ens. Médio	auxiliar de estoque	4	2	não	7	Filhos	Sim	difícil	sim, filhos	trabalha como manicure	sim	sim	não
8	60	ens. Médio	auxiliar de costura	4	2	sim	12	neta	não	tranquilo	não	costura	não	não	não
9	26	ens. Médio	vendedora	3	1	não	5	filho	sim	difícil	sim	nenhuma	não	não	sim
10	31	ens. Médio	empregada domestica	3	1	não	6	filho	Sim	difícil	sim	nenhuma	não	não	não
Média	34,6			3,4	1,6		8,8								

Fonte: Elaborado pelas autoras.

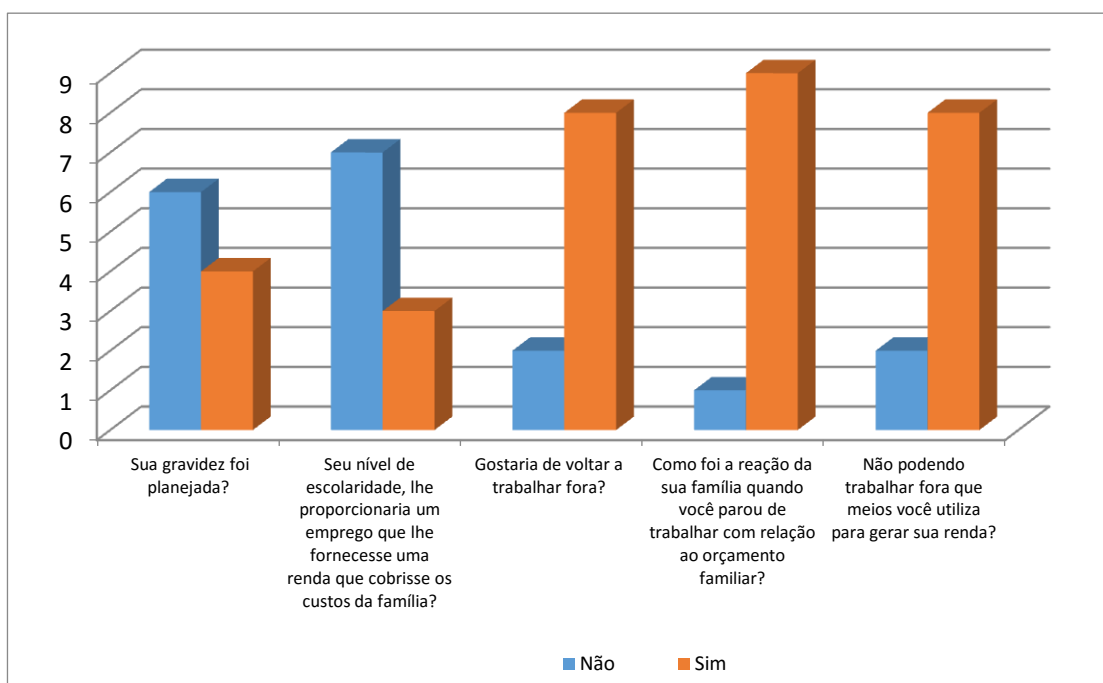
3 Resultados do estudo

O objeto de estudo são mulheres da cidade de Santa Maria, Rio Grande do Sul, com diversas faixas etárias e diversos níveis de escolaridade com o objetivo de se fazer um estudo e comprovar que as mulheres tem se afastado do mercado de trabalho por causa da gravidez, a vinda dos filhos e a falta de políticas públicas, que incentivem as mulheres após terem seus filhos, possam ter com quem deixar os seus filhos e continuem ativas no mercado de trabalho.

3.2 Resultados (variáveis)

Através dos dados coletados foi identificado que a média de idade das participantes ficou na faixa dos 30 anos com uma média de 3,4 integrantes na família e um número de 1,6 filhos na média. A pesquisa abrangeu diversos níveis de escolaridade que serão cruzados com outros dados e serão abordados no decorrer. Os dados após terem sido interpretados, foram tabulados e apresentados no Gráfico 01.

GRÁFICO 01 - Demonstrativo de análise comparativa.



Fonte: Elaborado pelos autores com base nos dados da pesquisa.

Conforme dados apresentados no Gráfico 01, 60% das mulheres entrevistadas declaram que sua gravidez não foi planejada. Nas entrevistas a maioria delas declarou que a gravidez ocorreu em um período de afirmação e crescimento profissional, ou seja, a mesma restringiu as suas possibilidades de trabalho. Muitas delas tiveram seus filhos muito cedo e somente conseguiram voltar a estudar depois que os filhos chegaram a uma determinada idade. Esta dificuldade de voltar a estudar impossibilitou seu crescimento profissional, 70% delas declaram que não conseguiriam arcar com as despesas provenientes do trabalhar fora; ou seja, os custos de escolinha particular para poder deixar os seus filhos, transporte para as crianças entre outros.

Os dados apresentados acima comprovam o estudo de Fonseca e Rodrigues (2010 - FEA-USP), “[...] que trabalhadoras com filhos pequenos têm em média salário 27% menor que suas colegas sem filhos”. Comparando com os dados apresentados pelas duas pesquisas, pode-se perceber que as mulheres com filhos possuem uma enorme dificuldade para terem crescimento dentro do mercado de trabalho, sendo necessário escolher entre trabalho, educação ou filhos. Mulheres sem filhos podem buscar trabalho e educação, o que lhes proporcionará condições de crescimento profissional e conseqüentemente um salário mais elevado se comparado ao salário das mulheres com filhos.

Conforme dados do Ibope (2006), 51% das mulheres brasileiras são mães, um terço delas não vive com companheiros e nem são casadas. Estes dados demonstram que, cerca de 17% das mulheres que são mães, são as únicas responsáveis pelo sustento da família. Ao apresentar estes dados para as mulheres entrevistadas, todas demonstraram a mesma reação, que se tivesse que sustentar a família sem a ajuda de seu companheiro, seria impossível trabalhar, estudar e cuidar dos filhos.

Das mulheres pesquisadas, 80% delas demonstraram interesse de voltar para o mercado de trabalho, o que realmente as impede são seus filhos e sua escolaridade. Somente 30% das pesquisadas afirmaram que teriam condições de arcar com as despesas de uma escola infantil particular, sendo que somente uma possui curso superior e teve gravidez planejada. A grande maioria das mulheres entrevistadas, ou seja, 90% delas afirmaram que a situação financeira da família foi muito afetada quando elas deixaram o mercado de trabalho; onde 80% das entrevistadas procuraram outras formas de prover algum tipo de renda.

A maior parte das entrevistadas afirma que a maior dificuldade que enfrentam para voltar a trabalhar fora é a escassez de escolas de educação infantil e educação especial públicas em turno integral. Como duas entrevistadas possuem filhos portadores de necessidades especiais, precisam de escolas públicas em condições e com profissionais qualificados para suprir estas necessidades; porém essa não é uma realidade das escolas públicas de Santa Maria. Os autores visitaram algumas escolas infantis da cidade e foi confirmado que as crianças somente permanecem meio turno, quanto que a necessidade das entrevistadas seria de turno integral.

Considerações finais

Através da realização desta pesquisa, juntamente com a análise de outras pesquisas expostas no trabalho, constatou-se que as dificuldades das mulheres em continuar no mercado

de trabalho é decorrente da chegada dos filhos. Identificou-se que a maioria das entrevistadas a falta de escolaridade é fator determinante para a permanência no mercado de trabalho, pois sem um estudo adequado o crescimento profissional também é afetado, e muitas relataram que seria impossível cobrir as despesas de manter uma criança em uma escola infantil particular com o seu salário. Como estão envolvidas muitas outras despesas tais como o transporte escolar, material escolar e alimentação, de acordo com os autores o poder público disponibiliza escolas infantis, mas estas não atendem a demanda nos horários em que o comércio e a indústria desta cidade necessitam; pois estas escolas ficam com as crianças somente em meio turno, o que demonstra que realmente se torna inviável trabalhar para as entrevistadas.

Foi constatado que as mulheres se sentem frustradas por não poderem trabalhar nas suas antigas atividades, e que os filhos são seu maior impedimento. Após terem se tornado mães, toda a relação trabalhista se tornou difícil, pois os filhos dependem na maioria das vezes somente delas, precisam levar os filhos na escola, ao médico entre outras atividades do dia a dia.

Com isso, constatou-se que a chegada dos filhos é o principal fator que afasta as mulheres do mercado de trabalho. Uma vez que não há uma estrutura de políticas públicas de incentivo a mulher mãe permanecer no mercado de trabalho referente a cuidados com filhos. A maior parte delas procuraram outras formas de prover renda para as suas famílias, na maioria das vezes esta renda não se iguala a que era recebida antigamente quando trabalhava fora, mas se comparadas com as despesas provenientes do trabalho formal ainda sim é mais vantajoso permanecerem como gestoras do lar.

Através dos dados apresentados, verificou-se a necessidade de um estudo mais amplo sobre as políticas públicas de incentivo a mulher mãe beneficiaria de programas públicos sociais, a retornarem ao mercado de trabalho formal.

Referências

BRASIL. CF. **Constituição Federal**, 1988. Disponível em <http://www.senado.gov.br/legislacao/const/con1988/CON1988_04.02.2010/CON1988.pdf>. Acesso em: 13 jun. 2014.

FONSECA, Ana Claudia, RODRIGUES, Bruna. Ser mãe não é profissão. **Rev. Veja**, Ed. Especial, maio de 2010.

IBOPE. **Mães Contemporâneas**, 2006. Disponível em:

<http://www4.ibope.com.br/download/maes_contemporaneas.pdf>. Acesso em: 13 jun. 2014.

LAKATOS, E.M. & MARCONI, M.A. **Metodologia científica**. São Paulo: Atlas, 2003.

LOPES, Alana Cristina Lacerda; ALVES, Anna Karuliny. **Mulher no mercado de trabalho nos dias atuais**. Disponível em: <<http://www.anormal-anm.com/sistema/trabalhos/files/1526.pdf>>. Acesso em: 13 jun. 2014.

MASSON, Celso, MENDONÇA, Martha, AZEVEDO Solange. **Por que as mães querem deixar o emprego para ficar com os filhos**. Ed.1/11. 25/4/2014. Disponível em: <<http://revistaepoca.globo.com/Revista/Epoca/0,,EDR77727-6014,00.html>>. Acesso em: 13 maio 2014.

MINAYO, M. C. S. et al. R. **Pesquisa Social: Teoria, método e criatividade**. 5 ed. Petrópolis: Vozes, 1996.

TRIVÑOS, A.N.S. **Introdução à pesquisa em ciências sociais**. A pesquisa qualitativa em educação. (pp. 91-114). São Paulo: Atlas, 1987.